



A CULTURA MATERIAL COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA

RESUMO

Introdução: Este relato de experiência decorre de nossa atuação junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – Subprojeto História/Natal. Em 2016, desenvolvemos na Escola Estadual Professor Josino Macedo, um projeto interdisciplinar voltado para os alunos do 6º e 7º Ano do Ensino Fundamental, articulando Arqueologia e História, numa abordagem que buscou privilegiar a História Local e a História Indígena. Objetivos: A proposta era estimular entre os discentes um olhar

investigativo, crítico e inquiridor voltado para o espaço local, em geral negligenciado pelos livros didáticos, que tendem a privilegiar os espaços identificados com o poder hegemônico. O desafio, nesse caso, era a utilização de recursos didáticos que favorecessem o estudo da História Local, preferencialmente enfocando temas obrigatórios no currículo da área, caso da História e Cultura Indígena. Metodologia: Partindo do pressuposto de que o ensino de História deve ser feito em consonância com método de produção da ciência

Micheli Gomes da Silva (micheli_gomes94@hotmail.com - PIBID História), Amanda Kelly Acioli Silva (amandak_aciole@hotmail.com - PIBID História), Helena Alves de Souza de Lucena Ribeiro (jonaldo7@uol.com.br - Supervisora PIBID História)

de referência, para atingir nossos objetivos, optamos por explorar fontes tradicionalmente utilizadas por historiadores em suas pesquisas: vestígios da cultura material de sociedades antigas. Acerca do método de análise, o diálogo com a Arqueologia foi indispensável para que pudéssemos analisar esses vestígios e utilizá-los como recurso didático. Resultados: O resultado da iniciativa foi a realização do I Encontro de Estudos Históricos no espaço escolar, com o tema “O trabalho do arqueólogo na construção da História”, assim como o planejamento e execução de planos de aula que tinham como principal recurso didático um conjunto de réplicas de materiais líticos e cerâmicos. Discussão: Com essa experiência

procuramos contribuir para os debates sobre aprendizagem histórica, colocando em evidência a possibilidade de viabilizarmos a construção do conhecimento numa perspectiva interdisciplinar, por meio do método investigativo, valorizando a História Local. Conclusões: Com essa experiência concluímos que a sala de aula deve ser pensada como um espaço privilegiado para a construção do conhecimento, e que o método de produção do conhecimento histórico pode – e deve – servir de referência para a formulação de propostas inovadoras e criativas de ensino de História.

Palavras-chave: Ensino de História, História Local, História Indígena

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência decorre de nossa atuação como bolsistas de iniciação à docência, integrando o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – Subprojeto História/Natal, coordenado pela Profa. Dra. Margarida Maria Dias de Oliveira e Profa. Dra. Juliana Teixeira Souza, sob a supervisão da Profa. Helena Alves de Souza de Lucena Ribeiro. Em 2016, desenvolvemos um projeto interdisciplinar na Escola Estadual Professor Josino Macedo, localizada no bairro Potengi, Zona Norte de Natal (RN), que promoveu o diálogo entre História e Arqueologia. O trabalho foi realizado junto às turmas do 6º e 7º Anos do Ensino Fundamental, e buscou privilegiar a História Local e a História Indígena, utilizando a cultura material como recurso didático. O presente artigo foi escrito no intuito de evidenciar aos professores e futuros professores o potencial que esse tipo de recurso apresenta para a promoção de um ensino qualificado, que contribua de maneira efetiva para a aprendizagem histórica e formação cidadã.

A proposta da experiência surgiu da articulação entre discussões realizadas no âmbito do Subprojeto História/Natal, e as demandas

identificadas na escola em que atuamos como bolsistas. Após observações, conversas e atividades diagnósticas realizadas com as turmas do 6º e 7º Anos do Ensino Fundamental da E. E. Prof. Josino Macedo, constatamos que os estudantes pouco conheciam da História local e de maneira geral não se reconheciam como sujeitos históricos, ou como cidadãos cujas ações interferem no devir histórico. Para a maioria desses discentes, História diz respeito a uma temporalidade e um espaço que são distantes de suas realidades, aspecto reforçado pelo fato de viverem longe dos centros identificados com o poder hegemônico, privilegiados como protagonistas da História nas narrativas dos livros didáticos. Esse distanciamento, assim como a dificuldade em conectar passado e presente, questões gerais e o mundo imediato com o qual os alunos interagem, contribuem enormemente para o desinteresse pela disciplina. Tratava-se de um problema, e nos propomos a enfrentá-lo.

Esses desafios não são exclusivos da escola em que atuamos. Relatos parecidos são discutidos nas reuniões semanais de toda a equipe que integra o Subprojeto História/Natal. E a proposta do nosso projeto é buscar no método de

produção do conhecimento histórico caminhos para enfrentar os desafios da aprendizagem histórica. De acordo com nosso projeto:

O princípio para a formação do licenciando apresentado no Projeto Pedagógico do Curso de História está de acordo com as Diretrizes Curriculares e é coerente com a posição defendida pela Associação Nacional de História no sentido de considerar que a produção do conhecimento histórico deve nortear a atuação do profissional de História em todas as suas dimensões. Isso significa ensinar História como se faz História, seguindo o princípio que rege a produção metodizada da pesquisa histórica, e orientando as problemáticas de ensino-aprendizagem na perspectiva do tempo presente, em consonância com a experiência local dos alunos. (PIBID-UFRN, 2013).¹

Foi seguindo esse princípio que definimos nossos objetivos, centrados na proposta de ensinar História utilizando cultura material como recurso didático. Quanto ao conceito de cultura material, empregamos aqui uma definição mais ampla, considerando cultura como “tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças” (SILVA, 2009.). Desse modo, entendemos os artefatos arqueológicos que foram utilizados como recurso didático como cultura material, como vestígio de uma sociedade do passado, por meio do qual podemos entender desde aspectos de seu cotidiano até formas de ver o mundo.

OBJETIVOS

A proposta da nossa intervenção em sala de aula era estimular entre os discentes um olhar investigativo, crítico e inquiridor voltado para o espaço local, em geral negligenciado pelos livros didáticos, que tendem a privilegiar os espaços identificados com o poder hegemônico. O desafio, nesse caso, era a utilização de recursos didáticos que favorecessem o estudo da História Local, preferencialmente enfocando temas obrigatórios no currículo da área, caso da História e Cultura Indígena.

A opção pela História Local está estreitamente articulada com o compromisso pela formação cidadã e contribuição da História à formação de identidades. Como aponta Flávia Caimi

Nos debates atuais do ensino de História apontam-se possibilidades de estabelecer relações muito profícuas entre o estudo das trajetórias locais/regionais e os processos de formação de identidades sociais plurais, de modo a superar o verbalismo das aulas de História circunscritas apenas a temporalidades remotas, a espaços distantes e a determinadas memórias com as quais a maioria dos estudantes que frequenta a escola brasileira não se identifica e nas quais não reconhece as suas experiências, tampouco as de seu grupo de pertença. Os estudos do local/regional podem, ainda, contribuir para estabelecer

diferentes formas de resistência aos processos de padronização e homogeneização culturais, promovidos pela dinâmica da globalização (CAIMI, 2010).

Para que essa proposta se efetive, é fundamental se debruçar sobre o tema da História Local utilizando o método científico, o que por sua vez está condicionado à disponibilidade de arquivos organizados. O Departamento de História da UFRN (*Campus Natal*) tem estruturado diversos Laboratórios e Núcleo de Documentação, com acervos que incluem artefatos arqueológicos. Como os temas a serem trabalhados no início do semestre eram Pré-História e a colonização da América, a disponibilidade desse tipo de fonte foi oportuna, pois permitia a abordagem desses temas a partir de questões fundamentais para a comunidade escolar, como a História Local e o patrimônio cultural, material e imaterial.

Quanto à opção pela História Indígena na seleção de conteúdo, ela visava dar conta dos temas que a tradição escolar associa ao currículo de História, mas também tinha o objetivo de atender às exigências da Lei nº 11.645/2008, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e cultura dos povos indígenas, com o propósito de promover uma educação das

¹Edital 01/2013 PIBID-UFRN – Detalhamento do Subprojeto História Natal, curso presencial.

relações étnico-raciais comprometida com o combate aos preconceitos e com o reconhecimento das contribuições desses povos para a construção da nação brasileira, e da História do Rio Grande do Norte de forma mais específica.

METODOLOGIA

Para suprir as demandas identificadas, delimitamos primeiramente o tema da História do Rio Grande do Norte, centenas de anos antes da chegada dos portugueses. Nossa intenção ao selecionarmos esse tema – tradicionalmente trabalhado em turmas de 6º Ano - foi promover o estudo da História local, ressaltando principalmente que a História da região em que vivemos não se iniciou com a colonização europeia. Fomentando assim, a reflexão sobre as particularidades da ocupação desse território, destacando a presença de nativos na composição da população, assim aproximando os conteúdos com a realidade dos discentes. Depois da seleção do tema, partimos para a discussão sobre a metodologia a ser empregada. Optamos por trabalhar em diálogo com a Arqueologia, tendo em vista que sua técnica é indispensável na análise de vestígios do passado mais remoto. Essa escolha foi também condicionada por trabalhos realizados anteriormente na Escola Estadual Professor Josino Macedo, pois já havíamos experimentado a utilização de caixa de memória com cultura material para trabalhar com História Antiga. Trata-se de uma caixa contendo réplicas de diferentes artefatos, cuja aplicação em sala de aula gerou a participação efetiva e interessada dos alunos e também uma melhor compreensão de conceitos e fatos históricos. Os trabalhos produzidos em conjunto com a arqueologia sempre obtiveram resultados bastante positivos, portanto é sempre muito proveitosa a aplicação de metodologias que estabeleçam interações com essa ciência.

Desse modo, nossa proposta de intervenção evidencia a articulação entre os objetivos mais gerais do ensino de História no âmbito escolar, e os princípios norteadores do Subprojeto História/Natal.

A aproximação com a Arqueologia também decorreu do desenvolvimento de outros projetos que vínhamos realizando no Subprojeto História/Natal. Desde o início do ano de 2016, seguindo o planejamento proposto pelas coordenadoras do Subprojeto História/Natal, os bolsistas que na E. E. Prof. Josino Macedo se dedicaram a compor um catálogo composto por artefatos do acervo do laboratório de arqueologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (LARQ) sob as orientações do Prof. Dr. Roberto Airon, coordenador do laboratório, também formado em Arqueologia. A ideia era utilizar o catálogo para quebrar as barreiras existentes entre a Universidade e o Ensino Básico, levando estes materiais disponíveis no laboratório para a sala de aula. Com tal proposta em vista, decidimos aplicar esse recurso didático em nossas intervenções para atestar a potencialidade deste material.

Esse material é composto por artefatos que compõem o acervo do Laboratório de Arqueologia da UFRN (LARQ) e foram coletados em sítios arqueológicos do Rio Grande do Norte. As peças compreendem temporalidades distintas, desde antes da chegada dos europeus à América do Sul, Brasil Colônia, Império e Primeira República. Nós analisamos os materiais evidenciando seus aspectos morfológicos, ou seja, a composição do material; aspectos tecnológicos, que tratam da tecnologia empregada na produção dos artefatos e o que esses artefatos representam; e, por fim, os aspectos técnico-funcionais, os quais se referem às funções atribuídas aos materiais pelas sociedades

do passado. Portanto, são vestígios de outras sociedades que nos informam sobre aspectos do cotidiano e condições materiais de existência. Esse conhecimento técnico-científico era fundamental para que pudéssemos explorar adequadamente esse material em sala de aula, com o objetivo de construir conhecimento sobre História Local e História Indígena.

Antes de realizarmos as intervenções em sala de aula, convidamos as turmas envolvidas no projeto a participarem de uma palestra, realizada pelos bolsistas do Laboratório de Arqueologia da UFRN (LARQ), sob a orientação do professor arqueólogo Roberto Airon. Os bolsistas do Laboratório foram à escola, onde

explicaram detalhadamente aos alunos de ambas as turmas o trabalho que eles desenvolvem como arqueólogos. Entre outras coisas, explicaram como identificar um material arqueológico, como se faz a coleta destes materiais, como é feita a análise destes materiais em laboratório e quais as conclusões podem ser tiradas a partir da observação dos artefatos. A palestra foi realizada na sala multimídia da escola, onde pudemos juntar as duas turmas. Os estudantes da escola participaram do evento fazendo comentários baseados em conhecimentos prévios e informando suas dúvidas, que serviram como ponto de partida para a construção de novos conhecimentos em outras aulas.

RESULTADOS

Depois de participarem da palestra promovida pelo LARQ, as turmas da E. E. Josino Macedo participaram das atividades propostas pelo Subprojeto História-Natal, que consistia em descrever e analisar artefatos pré-históricos, utilizando os conhecimentos adquiridos sobre o trabalho dos arqueólogos. Dessa forma, utilizamos as réplicas dos artefatos disponíveis na caixa de memória produzida pelos bolsistas do PIBID em 2015. Estavam presentes na caixa réplicas de machados, raspadores, tigelas etc. As turmas foram divididas em grupos, cada qual ficando responsável pela descrição e análise de um artefato, a partir dos quais se construiriam hipóteses sobre seus usos e significados.

Nas intervenções iniciais da turma do 6º Ano, as aulas focaram no tema “Como os homens chegaram à América?”, iniciando-se com a apresentação de diferentes respostas para esta pergunta, evidenciando assim como funciona e se constrói o conhecimento científico através de hipóteses que podem ser comprovadas ou não. No caso da História e da Arqueologia, a especificidade do método está na utilização de fontes para fundamentar as hipóteses debatidas na comunidade científica. No 6º ano C, os alunos também responderam à pergunta: “Existia

tecnologia na Pré-História?”. Motivados pela utilização de uma estratégia diferenciada, assim como pela possibilidade de aprender sobre o passado da região em que vivem, os alunos participaram ativamente do debate que se seguiu, contrariando a avaliação de muitos professores sobre se tratar de uma turma apática. Ao final da aula, os alunos compreenderam que tecnologia é um conjunto de técnicas, métodos e instrumentos que visam a resolução de problemas, de modo que os artefatos analisados evidenciam o uso de tecnologia por sociedades que viveram nessa região em tempos remotos.

No 7º ano A, o debate foi orientado de modo a se construir hipóteses sobre a alimentação dos povos que viveram nessa região durante a Pré-História, e os alunos chegaram à conclusão de que alguns alimentos, como o caju e o peba (animal de pequeno porte, similar ao tatu), são comuns a nossa dieta alimentar há milhares de anos. Nas aulas seguintes o foco se voltou para a descrição sobre como viviam os povos antigos que ocupavam a região que hoje corresponde ao território do estado do Rio Grande do Norte e nas explicações sobre a importância da Arqueologia na construção do conhecimento histórico. Como recurso didático, utilizamos as

imagens dos artefatos que integram o acervo do LARQ. Além disso, foram utilizadas imagens dos sítios arqueológicos em que esses artefatos foram encontrados. A proposta foi construir narrativas históricas do nosso passado em sala de aula, analisando esses vestígios junto aos alunos, que puderam descrever esses materiais e a partir deste ponto formular hipóteses sobre seus usos e significados.

O passo seguinte foi trazer essa discussão para a atualidade, procurando mostrar que o procedimento de análise de cultura material não nos informa apenas sobre sociedades do passado. Para isso trabalhamos a crônica “O lixo”, de Luís Fernando Veríssimo, que narra o diálogo entre dois vizinhos de um prédio que apesar de não se conhecerem pessoalmente, formularam hipóteses sobre a vida um do outro através dos vestígios encontrados no lixo. Mostramos com essa crônica que cada pessoa tem uma História, sendo, portanto, sujeito dela. Ressaltamos que essa História é construída cotidianamente e que os objetos que produzimos e usamos são vestígios da nossa História. Para aprofundar essa discussão, elaboramos uma caixa de memória com materiais que comumente são descartados no lixo (copos descartáveis, garrafa de Coca-Cola, embalagens de comidas etc.) para que os alunos realizassem procedimentos de descrição e análise, conforme observaram na crônica e também nas atividades com artefatos arqueológicos.

No 6º ano C a turma foi dividida em grupos, e assim, os alunos foram analisando os objetos da caixa e anotando suas conclusões. Ao final da atividade toda a turma havia concluído que o lixo pertencia a uma família de 4 pessoas, sendo um casal, um filho de aproximadamente 7 anos e um idoso. No 7º ano A, a turma foi organizada em duplas que também analisaram os materiais da caixa e redigiram um texto com suas interpretações. Essa turma ficou dividida quanto à conclusão. Para alguns o lixo fictício pertencia a um casal com um filho e para outros pertenceria a uma mulher vaidosa e solteira. Após a atividade, reforçamos o debate

sobre as possibilidades que esses vestígios tanto do passado quanto do presente dispõem para formularmos narrativas históricas.

No 7º ano A, a intervenção foi concluída com uma última atividade de análise de fontes. Nessa atividade os alunos foram orientados a selecionar um objeto pessoal (poderia ser um lápis, um batom, uma agenda etc.) e colocá-los dentro de uma caixa, sem que os demais percebessem. Em seguida, cada um retirou da caixa um objeto e tiveram que analisá-lo buscando descobrir um pouco da personalidade do dono(a) e também sua identidade. Essa atividade foi pensada, principalmente, para estimular uma melhor convivência entre os estudantes. Nessa turma, foi muito recorrente desde o início do ano desentendimentos que chegaram, às vezes, a atrapalhar a formação de grupos para os exercícios. Sendo assim, propomos a atividade para que pudessem se conhecer melhor. Os resultados dessa atividade foram bastante satisfatórios, os relatos obtidos mostraram que as indisposições eram frutos de “pré-conceitos”, que foram desconstruídos ao longo dessas aulas. E realmente, nas semanas seguintes, constatamos mudanças positivas na interação entre os alunos da turma.

Já no 6º ano C, o nosso projeto continuou de maneira distinta. Essa turma foi escolhida para participar da Mostra Cultural da escola, apresentando os projetos desenvolvidos na disciplina de História. Seguindo orientação da supervisão, a turma realizou uma exposição de seus trabalhos, promovendo assim o I Encontro de Estudos Históricos da E. E. Prof. Josino Macedo, cujo tema foi “O trabalho do arqueólogo na construção da História”. Aos alunos foi disponibilizada uma sala de aula, que foi ambientada tendo como referência a pré-História do Rio Grande do Norte. Havia cartazes contendo pinturas rupestres, réplica de um abrigo, de lâminas de flechas etc., e a apresentação foi elaborada a partir das narrativas sobre a pré-História do RN construídas pelos alunos em sala de aula, por meio da análise dos vestígios encontrados por pesquisadores em sítios arqueológicos da região.

DISCUSSÃO

Uma de nossas intervenções ocorreu na turma C, 6º Ano do Ensino Fundamental, composta por estudantes com faixa etária entre 13 e 16 anos, identificada pelos professores como uma turma com grande dificuldade de aprendizagem. Os discentes desta turma, por estar há vários anos estudando os mesmos conteúdos por meio de metodologias já conhecidas, se sentiam menos estimulados a participar dos debates e atividades propostos pelos professores. Vale lembrar também que esta turma enfrentava outros problemas, como a falta de autoestima e a dificuldade do corpo docente da escola em dispor do tempo necessário para planejamento de atividades diferenciadas. Elas são necessárias, pois, apesar de ser uma turma de 6º Ano, os alunos são adolescentes, de modo que uma mesma aula preparada para alunos de 12 anos não teria os mesmos resultados se for aplicada com alunos de 16 anos, por mais que a aula trate sobre os mesmos assuntos.

A outra turma que também participou das atividades foi a turma A, 7º Ano do Ensino Fundamental, que possui o perfil totalmente diferente. Havia poucos casos de alunos reprovados, e era uma turma identificada pelos professores como muito enérgica e participativa. Um aspecto em comum entre as duas turmas era a dificuldade em leitura, interpretação e produção de textos. Sendo assim, pensamos nossas intervenções com o objetivo de melhorar a competência leitora e escrita dos alunos, nosso objetivo secundário.

As atividades propostas tiveram resultado muito produtivo. Pudemos constatar através dos debates e dos textos produzidos um grande empenho dos alunos em compartilhar suas observações e registrar suas ideias em texto escrito. Como mencionamos, um ponto em comum entre as turmas era a dificuldade de escrita, que resultava em certa resistência na realização de exercícios que demandam

tal habilidade. No entanto, motivados pela possibilidade de registrar um conhecimento construído por eles próprios, sob a orientação dos pibidianos, não enfrentamos tal resistência. Para o êxito da proposta foi fundamental a opção por construir o conhecimento em sala de aula, pois nos permitiu colocar os alunos no centro do processo de aprendizagem, e não o professor, como é comum nas aulas expositivas, onde o conhecimento surge pronto, competindo aos alunos apenas registrar e decorar.

Estamos convictas de que esse saldo positivo deriva de nossas opções teórico-metodológicas. A primeira se articula à proposta de ensinar a História utilizando o método da ciência de referência, elaborando narrativas históricas a partir da análise de fontes. Nossa concepção de ensino de História situa o aluno como participante do processo de ensino-aprendizagem, incentivando que ele construa e reflita sobre o conhecimento. Com seus saberes sendo valorizados, os alunos se sentiram mais confiantes em se expressarem por meio da fala e da escrita, para apresentar tanto seus conhecimentos prévios, quanto os conhecimentos construídos em sala de aula. A segunda opção a ser destacada foi o emprego da cultura material como recurso didático. Foi evidente como esse recurso contribuiu para motivar entre os alunos o interesse pela História Local. Porém, o ponto mais relevante em se trabalhar com cultura material é efetivar uma prática que ressalte a criticidade do estudante. Ao orientar a observação, descrição e análise desses materiais, procuramos estimular novos olhares sobre a cidade, capazes de investir de significado usos e práticas que fazem parte do cotidiano dos jovens, da História de suas comunidades. Esse olhar é indispensável para que esses alunos percebam que a História é feita pelos homens e que são, também eles, sujeitos da História.

CONCLUSÕES

Em nosso planejamento era fundamental desenvolver as competências e valores necessários à formação cidadã, explicitados na Constituição Federal brasileira e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica. Acreditamos que preparar nossas crianças e jovens para o convívio republicano, respeitando os valores democráticos, exige a incorporação desses princípios e valores no cotidiano escolar, sendo experimentados de forma concreta, numa aprendizagem qualificada cujo sentido extrapole os muros da escola.

Ao longo desse ano, percebemos que ainda há muito que fazer, mas avaliamos que os resultados desse projeto foram muito positivos e corresponderam às nossas expectativas. Primeiramente, por meio dos debates em sala de aula e das atividades propostas, percebemos que os discentes compreenderam que são sujeitos históricos e mesmo os objetos aparentemente descartáveis nos informam muito sobre a sociedade em que vivemos. E compreendê-la é fundamental para que possamos projetar um futuro diferente.

ABSTRACT

Introduction: This experience report stems from our work with the Institutional Initiation to Teaching Program (PIBID) - History/Natal Subproject. In 2016, we developed it at the Josino Macedo State School with an interdisciplinary project aimed to the students from 6th to 7th Years of Primary Education, uniting Archeology and History, in an approach that sought to privilege Local History and Indigenous History. **Objectives:** The proposal was to stimulate an investigative, critical and inquiring look at the local space, usually neglected by textbooks, which tend to favor spaces identified with hegemonic power. The challenge, in this case, was the use of didactic resources that favored the study of Local History, preferentially focusing on mandatory subjects in the curriculum of the area, in the case of History and Indigenous Culture. **Methodology:** Based on the assumption that history teaching should be done in accordance with the method of production of the reference science, in order to achieve our objectives, we chose to explore sources traditionally used by historians in their research: vestiges of the material culture of ancient societies. About

the method of analysis, the dialogue with Archeology was indispensable so that we could analyze these traces and use them as a didactic resource. **Results:** The result of the initiative was the 1st Meeting of Historical Studies in the school space, with the theme “The work of the archaeologist in the construction of History”, as well as the planning and execution of lesson plans that had as main teaching resource a set of replicas of lithic and ceramic materials. **Discussion:** With this experience we seek to contribute to the debates about historical learning, highlighting the possibility of making the construction of knowledge feasible in an interdisciplinary perspective, through the investigative method, valuing Local History. **Conclusions:** With this experience, we conclude that the classroom should be considered as a privileged space for the construction of knowledge, and the method of producing historical knowledge can - and should - serve as a reference for the formulation of innovative and creative history teaching.

Keywords: Teaching of History, Local History, Indigenous History.

RESUMEN

Introducción: Este relato proviene de nuestra actuación en el *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)-Subprojeto História/Natal-RN*. En 2016, fue desarrollado en la *Escola Estadual Professor Josino Macedo* un proyecto interdisciplinario, que une Arqueología y Historia, dirigido a los estudiantes de los años 6 y 7 de la escuela primaria, teníamos como objetivo valorizar la historia local y la historia de los Indígenas. **Objetivos:** la propuesta fue fomentar entre los estudiantes una mirada investigativa y crítica hacia el espacio local, generalmente ignorado por los libros didácticos, que tienden al favorecimiento de las áreas identificadas con el poder hegemónico. El desafío, en este caso, fue el uso de recursos didácticos que favorezcan el estudio de la historia local, especialmente en las asignaturas obligatorias en el plan de estudios, como historia y cultura indígena. **Metodología:** De acuerdo que la enseñanza de la historia debe hacerse en consonancia con el método de producción de la ciencia, para lograr nuestros objetivos, hemos decidido explorar fuentes de información utilizadas tradicionalmente por los historiadores en su investigación: vestigios de la cultura material de las sociedades antiguas. Sobre el método de

análisis, el diálogo con la arqueología se puso vital para analizar las pistas y como recursos de enseñanza. **Resultados:** el resultado de la iniciativa fue la realización del primero taller de estudios históricos en el espacio escolar, con el tema “el trabajo del arqueólogo en la construcción de la historia”, así como la planificación y ejecución de planes de clase que tenían como principal función didáctica un conjunto de reproducciones de materiales líticos y cerámicos. **Discusión:** Con esta experiencia se ha buscado contribuir con los debates sobre el aprendizaje histórico, poniendo en evidencia la posibilidad de construcción del conocimiento en una perspectiva interdisciplinaria, a través del método de investigación y la valorización de la historia Local. **Conclusiones:** Con esta experiencia es posible concluir que las clases deben ser pensadas como un espacio privilegiado para la construcción del conocimiento y el método de producción del conocimiento histórico puede — y debe — servir de referencia para la formulación de propuestas innovadoras y creativas de la enseñanza de la historia.

Palabra clave: Enseñanza de Historia, Historia Local, Historia Indígena.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Organização de Alexandre de Moraes. 16. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CAIMI, Flávia Eloisa. Meu lugar na História: de onde eu vejo o mundo? In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias (Org.). **História: Ensino Fundamental** (Coleção Explorando o Ensino). Brasília: Ministério da Educação, 2010.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. O ensino de História, a memória e o patrimônio cultural. In: **Revista História & ensino**, v. 15, Londrina, UEL, 2009.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.